

**TERRITÓRIO, LUGAR E PODER: AS INTERFACES E POTENCIALIDADES
ENTRE FOUCAULT E MILTON SANTOS¹****TERRITORY, PLACE AND POWER: THE INTERFACES AND POTENTIALITIES
BETWEEN FOUCAULT AND MILTON SANTOS****TERRITORIO, LUGAR Y PODER: LAS INTERFACES Y POTENCIALIDADES
ENTRE FOUCAULT Y MILTON SANTOS**James Humberto ZOMIGHANI JR²

Resumo: O conceito de lugar, que apresenta como uma de suas características a polissemia, é central nesta reflexão entre o Geógrafo Milton Santos e o Filósofo Michel Foucault. A partir, principalmente, de dois dos textos desses autores (De Outros Espaços, de Foucault, e O Território e o Saber Local, de Milton Santos) foi desenvolvida essa primeira reflexão, que teve como objetivo central a busca por similaridades, interfaces e aproximações teóricas e metodológicas, no campo do pensamento abstrato e no da análise concreta, entre a filosofia foucaultiana e a geografia miltoniana. Outro dos objetivos é estimular o debate e o pensamento interdisciplinares, por meio das relações de complementaridade que surgem ao aproximarmos duas áreas tão separadas na universidade contemporânea, como a Geografia e a Filosofia, mas tão necessárias para a reflexão sobre diversos temas atuais, e para o exercício do pensamento com qualidade.

Palavras-chave: Milton Santos, Michel Foucault, Lugar, Utopias, Heterotopias.

Abstract: The concept of place, which presents polysemy as one of its characteristics, is central to this reflection between the Geographer Milton Santos and the Philosopher Michel Foucault. Based mainly on two of these authors' texts (De Outros Espaços, by Foucault, and O Território e o Saber Local, by Milton Santos) this first reflection was developed, with the main purpose of searching for similarities, interfaces, and theoretical and methodological approximations, in the field of abstract thought and concrete analysis, between Foucaultian philosophy and Miltonian geography. Another objective is to stimulate interdisciplinary thinking and debate, through the complementary relations that arise when we bring together two areas so separated in the contemporary university, such as Geography and Philosophy, but so necessary for reflection on various current issues, and for the exercise of thought with quality.

Keywords: Milton Santos, Michel Foucault, Place, Utopias, Heterotopias.

Resumen: El concepto de lugar, que presenta como una de sus características la polisemia, es central en esta reflexión entre el Geógrafo Milton Santos y el Filósofo Michel Foucault. Basada principalmente en dos de los textos de estos autores (De Outros Espaços, de Foucault, y O Território e o Saber Local, de Milton Santos), esta primera reflexión se desarrolló con el objetivo principal de buscar similitudes, interfaces y aproximaciones teóricas y metodológicas, en el ámbito del pensamiento abstracto y del análisis concreto, entre la filosofía foucaultiana y la geografía miltoniana. Otro objetivo es estimular el debate y el pensamiento interdisciplinar, a través de las relaciones de complementariedad que surgen al unir dos áreas tan separadas en la universidad contemporánea, como son la Geografía y la Filosofía,

¹ Reflexão desenvolvida a partir da participação no seminário Filosofia e Geografia: Foucault e interlocuções realizado pelo Núcleo de Estudos em Ética e Filosofia Política (NEÉFIPO) da UNILA em 19/11/2015.

² Geógrafo, bacharel e licenciado (IGE/UNICAMP), mestre e doutor em Geografia Humana (FFLCH/USP). Professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Coordenador do Laboratório de Planejamento Territorial, SIGs e Cartografia Temática Digital. Líder do Grupo de Pesquisas sobre as Desigualdades Socioespaciais na América Latina e no Caribe (CNPq/UNILA). E-mail: james.junior@unila.edu.br

pero tan necesarias para la reflexión sobre diversos temas de actualidad, y para el ejercicio del pensamiento con calidad.

Palabras clave: Milton Santos, Michel Foucault, Lugar, Utopías, Heterotopías.

Introduzindo um diálogo entre a Geografia e a Filosofia

Gostaria de agradecer ao convite para participar desta mesa redonda, bem como aos professores do Núcleo de Estudos em Ética e Filosofia Política da UNILA, pela organização deste evento.

Nesses tempos difíceis para o país e para a universidade brasileira, sempre é bom nos reunirmos, principalmente quando a reunião ocorre com colegas de outras áreas, agora em particular da filosofia, para refletirmos, conjuntamente, sobre questões, temas e autores relevantes para nossas pesquisas e áreas de conhecimento.

No caso de nossa universidade, o que também significa um passo pequeno, mas firme, dado em busca da tão almejada interdisciplinaridade, conceito tão festejado, mas, pouco compreendido ou praticado, de forma mais profunda, aqui na UNILA.

Por que um diálogo entre a Geografia e a filosofia? Dentre muitas respostas possíveis a essa questão, talvez fosse importante começar pela conceituação de nossa disciplina hoje – a Geografia, a partir da definição feita por um dos maiores geógrafos brasileiros, o professor Milton Santos, cujo trabalho – de grande fôlego - reestruturou as bases teóricas e epistemológicas de nossa disciplina, atualizando seus instrumentais de leitura do mundo contemporâneo (SANTOS, 2002).

Essa profunda revisão teórica e epistemológica promovida por Milton Santos tem permitido que a Geografia, como comprovado em diversos momentos (SANTOS 1985, 2006, 2007, 2008), pudesse nos permitir conhecer e compreender o mundo contemporâneo, a partir de outra categoria buscada na filosofia – que é a da totalidade. Mas, totalidade como movimento, como processo, como forma de apreender um mundo em processo em totalização que resulta, então, por sua vez, na ideia de evento geográfico.

É dessas dinâmicas do mundo, da totalidade em processo de totalização, ou das flechas do tempo, nas palavras do filósofo francês Jean Paul Sartre, que emergem alguns dos fundamentos da concepção acerca da constituição do espaço geográfico – nosso objeto central de análise.

Milton Santos fundamentou a ideia de que a Geografia pode ser considerada como uma “filosofia das técnicas” (SANTOS, 1999b). Essa conceituação demonstra seu nível de ousadia, revelador da verdadeira revolução epistêmica promovida por esse autor na disciplina, para além do seu sentido meramente etimológico, criado na Grécia antiga, de ciência da descrição das paisagens da terra. A própria dinâmica do mundo, nos tempos atuais, provocou o envelhecimento da velha Geografia, criando as condições para que fosse refundada. Entretanto, essa versão ultrapassada da Geografia, pelo próprio movimento acelerado da história – insiste em permanecer agarrada nos departamentos de Geografia, em universidades do mundo todo.

O conhecimento sobre a constituição do espaço geográfico no atual período, nos leva a entendê-lo como um híbrido (SANTOS, 2002), formado por parcelas diferenciadas de natureza e de trabalho humano, ou de técnicas de idades distintas (SANTOS, 2008). E não mais um palco, apenas, como receptáculo das ações humanas. O espaço geográfico ressignificado, é o território ativo, o qual também interfere nas ações sociais, políticas, culturais e econômicas. O espaço permite a realização das ações e funções sociais, mas também as valoriza de forma diferenciada, as distingue, as ressignifica, altera sua racionalidade original, agrega-lhes valor. Como o espaço é formado das coisas que existem sobre a superfície da Terra e das pessoas, esse valor também é atribuído, de forma seletiva e diferenciada, aos diferentes sujeitos, nos lugares onde vivem (SANTOS, 2007).

Nessa breve reflexão sobre as possíveis interfaces entre a vasta obra de Milton Santos e de Michel Foucault, no tempo que aqui disponho, gostaria de centrar minha reflexão sobre as categorias de tempo e de espaço, dentre muitas outras possíveis, para dialogar a partir de uma das interfaces entre as obras desses dois grandes mestres.

Foucault e sua conexão direta com a Geografia que praticamos

Como geógrafo, gostaria de considerar algumas das relações que permeiam o pensamento filosófico de Foucault, em relação à obra de Milton Santos. Daí, em um primeiro momento, torna-se necessário buscar referências das interfaces entre algumas ideias desses dois autores. Para, em seguida, apontar caminhos teóricos e de método, que nos permitam pensar no desenvolvimento de análises, na realização de pesquisas e no aprofundamento de reflexões que possam enriquecer – interdisciplinarmente - nosso campo de trabalho intelectual aqui na UNILA universidade brasileira.

Ao longo do desenvolvimento histórico da Geografia, duas instâncias sociais sempre estiveram em destaque: o tempo e espaço. Também discorrerei sobre a ideia de evento e o conceito de lugar, na obra de Milton Santos, como um esforço de aproximação com aspectos da obra de Michel Foucault.

Foucault problematiza sobre essas duas instâncias bastante caras ao trabalho dos Geógrafos, o tempo e o espaço, em um texto célebre:

A época atual (ao contrário do século XIX) seria talvez de preferência a época do espaço. [...] Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama". (FOUCAULT, 2013, p. 113).

Em seu texto “De Espaços Outros” (originalmente uma conferência proferida na Tunísia em 1967), Foucault faz uma periodização destacando a importância do conceito de espaço para a filosofia e a ciência ocidental, resgatando seus diversos significados. Assim, aponta algumas das diferenças que, ao longo do tempo, envolveram questões sobre o conceito de espaço, em diferentes períodos da história ocidental, qualificando-o e adjetivando, de acordo com a carga de valores de cada época:

- Na idade média, espaço de localização
- Durante o renascimento, o espaço de extensão (evidenciado por Galileu)
- Já no período contemporâneo, o espaço de alocação (ou de determinação dos locais).

Com essa análise, que ocorreu a partir da reconstituição histórica do conceito de lugar em diferentes épocas, Foucault vai apontar como, em algumas delas, o conceito de espaço era, nada menos, que um conjunto sistematizado e hierarquizado de lugares.

A partir da retomada do conceito de espaço no período contemporâneo (Foucault realizou essa reflexão no começo da segunda metade do século XX), o filósofo elabora uma definição interessante para o conceito de lugar aproximando-se, a partir da filosofia, do conceito de lugar dos geógrafos, ao menos, dos miltonianos.

Definindo o espaço contemporâneo como o “conjunto de relações que definem alocações irreduzíveis umas às outras” (FOUCAULT, 2013), o filósofo francês introduz dois grandes tipos de alocações - utopias e heterotopias. Na linguagem geográfica, elas seriam os projetos, as intencionalidades e os lugares constituídos por uma determinada dinâmica do mundo, mas também, pela organização espacial das sociedades. Ou ainda, por meio de uma racionalidade hegemônica que se vale de um conjunto de poderes que se revelam nos lugares,

nesse processo de determinações que implicam nas funcionalidades do espaço geográfico. Cabe a nós então refletir sobre os significados do espaço geográfico nesta contemporaneidade, com a retomada do conceito que seja operacional às análises da superfície da Terra, nesses tempos de aceleração contemporânea (SANTOS, 2006).

Heterotopia e utopia não são pares opostos, mas sim complementares. Definidos em relação à totalidade socioespacial (a totalidade do território do país), são reveladores de um conjunto de funções e significados superpostos. As heterotopias são os lugares de realização das utopias, na busca da funcionalidade de uma sociedade ideal (ao menos, segundo o ideal de alguns), ou ainda, as heterotopias seriam capazes de, no espaço geográfico, materializarem determinados modelos idealizados de certos projetos de sociedade, malgrado que os projetos coletivos, apoiados na solidariedade e na cooperação nas diferenças, estejam tão em falta nesses tempos de egoísmo universal.

Essa nossa época, a do espaço, é uma época forjadora de utopias e heterotopias

Utopias – “São os posicionamentos, sem lugar real, mas que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa. É a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade, mas de qualquer forma, essas utopias são espaços que fundamentalmente são essencialmente irreais” (FOUCAULT, p, 215).

Heterotopias – São os “lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contra posicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis” (ibidem).

Heterotopias e utopias dialogam diretamente com parte da obra de Milton Santos, principalmente quanto ao entendimento como as formas geográficas, muitas delas, produtos das racionalidades hegemônicas, estruturam o espaço das redes, os espaços luminosos (SANTOS, 2006), mas se esforçam por negar ou anular o espaço banal, conforme definido por Milton Santos, e que seria o espaço de todos os sujeitos, todas as firmas, todas as instituições, independentemente do seu tamanho ou de sua força.

Foucault nos afirma que todas as culturas formaram heterotopias ao longo da história da humanidade. Ao buscar compreender suas funcionalidades, Foucault define seis princípios das heterotopias:

- Heterotopias variam em funcionalidade com o passar do tempo e de acordo com a cultura;
- Heterotopias podem unir múltiplos espaços incompatíveis entre si;
- Heterotopias podem conectar diferentes períodos de tempo;
- Heterotopias são locais separados da sociedade e com regras limitando a entrada e saída;
- Heterotopias tem uma função relacionada ao espaço ao redor.

As heterotopias, da filosofia foucaultianas, assim, como os lugares como conjuntos de possibilidades da teoria de Milton Santos, também abrigariam funções precisas e determinadas (evasão, resistência, desvio, compensação, acúmulo de tempo, dentre outras) que variariam de acordo com a cultura da sociedade e o contexto histórico onde ocorrem. É aqui que a obra de Foucault nos remete para algumas ideias presentes na obra de Milton Santos, como veremos a seguir.

As ideias de lugar e de evento em Milton Santos

A heterotopia foucaultiana nos remete, diretamente, ao conceito de lugar de Milton Santos. Principalmente de lugar como aquele subespaço localizável nos interstícios das redes técnicas, que são preteridos aos espaços da velocidade, da racionalidade dominante, ou dos espaços da fluidez que interessam à racionalidade hegemônica homogeneizadora de práticas e comportamentos, nesse período em que o espaço é chamado a agir a partir e à favor de uma racionalidade técnica, em benefício de uma economia global, ou de uma política hegemônica, feita apenas por alguns e para benefício de poucos.

O conceito de lugar como um espaço do acontecer solidário, para Milton Santos, nos remete às ideias de solidariedade, da vida de relações simples ou complexas, que dão natureza e conteúdo ao conjunto de lugares constituintes do território. Lugares esses que se formam pela realização ou eclosão de eventos sociais, ou ainda pela realização da sociedade a partir de suas formas-conteúdo, pela manifestação de um conjunto de acontecimentos.

O acontecer solidário, para Milton Santos, retoma a partir de uma outra perspectiva a ideia de escala em Geografia, pois, em suas palavras (SANTOS, 1999) “haveria algo que levaria

à realização concreta, à produção histórica e geográfica de eventos solidários. E é isso que dá o limite da área. Quer dizer, a ideia de escala (já que é também uma ideia de limite) ganharia em dinamismo a partir dessa noção de “acontecer solidário”, mas, reconhece o autor, sua proposta ainda carece de maior desenvolvimento teórico e metodológico.

Já o conceito de evento para Milton Santos, inspirado na flecha do tempo de Sartre, ou na totalidade em processo de totalização do mesmo autor existencialista, é o mesmo que fundamenta a ligação tempo-espaço que transparece na análise de Foucault. Como nos afirma Milton Santos:

A primeira dessas categorias é a noção de evento. Ela tem entrada recente no meu vocabulário e imagino que seja talvez a minha contribuição pessoal mais importante, na medida em que é a forma de resolver uma série de problemas de método. Isso porque permite unir o mundo ao lugar; a História que se faz e a História já feita; o futuro e o passado que aparece como presente. O presente é fugaz e sua análise se realiza sempre a partir dos dois polos: o futuro como projeto e o passado como realização já produzida. O evento aparece como essa grande chave para unir também as noções de tempo e espaço, que até recentemente não apareciam como um todo único. Mesmo os que avançaram mais na questão do “tempoespaço” eram obrigados a pôr um travessão entre essas duas palavras. A minha proposta é que só é possível falar em tempo-espaço a partir da ideia de evento, que reúne tempo e espaço numa categoria única. (SANTOS, 1999, pp.15-16.)

Milton Santos vai reposicionar a definição de espaço geográfico, a partir do território usado, ou seja, aquele que teria um conteúdo de ciência, técnica e informação e que, por seu conteúdo diferenciado de outras áreas ou superfícies do Planeta, permitiria formas de ação distintas, proporcionais à sua densidade e conteúdo. É por seu conteúdo que o território, muitas vezes, também se torna racional, não sendo este atributo (o da racionalidade), para Milton Santos, como sendo apenas da política, da economia, da sociedade. Seria um tipo de racionalidade sem razão, uma forma de ação que viria das coisas, do próprio prático-inerte sartriano.

A definição de espaço geográfico elaborada por Milton Santos, por sua vez, nos remete, diretamente, ao conceito de totalidade da filosofia, ao elaborar seus conceitos de verticalidade e horizontalidade, do espaço como um sistema indissociável de objetos e de ações, de tecnosfera e psicofera, que se confundiriam com a própria superfície da Terra em sua plenitude.

Algumas questões para continuidade dessas reflexões na universidade

A categoria analítica concreta, proposta por Milton Santos, é a dos usos do território. Desse modo, espaço geográfico não seria, apenas, somente, sinônimo de território, mas de território usado. Para Milton Santos, essa seria a condição, dentro das ciências sociais, para que o território se tornasse uma categoria central de análise social. A sua consideração, do território, portanto, não apenas como uma abstração, mas a partir de seus usos, que lhe atribuem conteúdos, valores, densidades, significados.

Essa correção de rumo, na definição do conceito de território, permitiria também superar alguns equívocos do marxismo como, por exemplo, considerar que existe uma relação sociedade-natureza, abundante também na literatura geográfica, não apenas na marxista, dentre outras áreas do saber. Para Milton Santos, a correção que deve ser feita é que não existe relação sociedade-natureza de per si, pois, até mesmo com a chamada natureza naturata (aquela originária das dinâmicas do Planeta Terra), a dialética se realizaria a partir da natureza valorada pela sociedade, ou seja, da natureza já tornada território usado, ou ressignificada com outros conteúdos, e assim transformada em meio geográfico.

Por essa razão, diz o Geógrafo, mesmo no caso da Amazônia (aparentemente um “grande” pedaço de natureza *naturata*):

A ação presente, os interesses sobre parte do território, a cobiça, e mesmo as representações atribuídas a essa parte do território tem uma relação com o valor (social) que é dado ao que está ali presente. O que há na realidade é relação sociedade e sociedade enquanto território, sociedade enquanto espaço, (...) pois, na realidade, quando uma empresa, uma instituição, um grupo, agem sobre uma fração do território, num momento “T” do tempo, não desconsideram o que já ali existe, ou seja, não apenas as coisas, mas também os homens e as relações. (SANTOS, 1999a)

Em um dos textos de Milton Santos que inspirou minha reflexão, intitulado “O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise”, o autor chama ao debate a ciência política, ou melhor, os cientistas políticos, por produzirem ideias políticas sobre o país sem levar em conta o território usado, mas sim, apenas, as divisões dos estados ou dos municípios, sem considerar seus conteúdos, que aparecem, apenas, como meras estatísticas, “que são organizadas em caixinhas que vamos abrindo, apenas, quando necessitamos produzir um discurso”, mas que desconsideram o dinamismo socioterritorial, socioespacial (do território nacional), ou as formas-conteúdo (como as das cidades, das regiões, dos bairros, dentre outras), ou seja, de tudo aquilo que têm a ver com a própria existência humana sobre a superfície do

Planeta, ou do modo como uma forma geográfica, por ter determinado conteúdo, realiza a sociedade de maneira particularizada.

A crítica de Milton Santos também recai sobre os planejadores, ou do tipo de planejamento que foi realizado no Brasil, quase sempre, por meio de ações sempre muito específicas, isoladas do conjunto, ou de intervenções setoriais. Essa crítica pode ser estendida a um conjunto maior das ciências sociais e humanidades, que usam o conceito de território apenas como um enunciado vazio, não considerando-o, em sua práxis, como território usado, ou como uma categoria central de análise social.

Os planejadores eram irresponsáveis do ponto de vista do que escreviam. Mas creio que chegará o dia em que não poderemos continuar falando irresponsavelmente, quando será indispensável que afinemos nossos conceitos para que sejam realmente representativos não de uma sociedade estática, mas do dinamismo social. (SANTOS, 1999a)

É por meio dessas categorias tanto filosóficas (como de totalidade) quanto analíticas e que dão base à ação direta (como o território usado) que se torna possível produzir uma Geografia ativa, nas palavras do grande geógrafo Pierre George (GEORGE et al, 1966).

A ressignificação das definições basilares da Geografia, trazem consigo a exigência de que essa ciência passe a estudar temas de maior relevância social, pois urgentes diante da dinâmica do mundo novo como a violência, o grande aprisionamento, o aprofundamento das desigualdades socioespaciais, das injustiças e da fome, problemáticas que temos procurado desenvolver e investigar em algumas de nossas pesquisas na UNILA.

Bom, penso que meu tempo já se esgotou, porém gostaria de permanecer à disposição para continuar essa reflexão por outros meios e de outras formas, além de agradecer a todos pela atenção.

Muito obrigado!

Referências

FOUCAULT, Michel. **De espaços outros**. São Paulo: ESTUDOS AVANÇADOS 27 (79), 2013.

GEORGE, Pierre; KAYSER, Bernard; LACOSTE, Yves; GUGLIELMO, Raymond. **A geografia ativa**. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1966.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985. 88p, 1985.

SANTOS, M. **O território e o saber local: algumas categorias de análise**. In: Cadernos IPPUR, ano XIII, nº 2: 15 – 26, ago-dez, 1999a.

SANTOS, M. **Geógrafo, professor da Universidade de São Paulo e autor de mais de quarenta livros. Um dos intelectuais brasileiros de maior projeção internacional. Entrevista concedida a José Corrêa Leite**. Revista Teoria e Debate. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999b, disponível em <https://teoriaedebate.org.br/1999/02/06/milton-santos/> acesso em 06 de dezembro de 2022.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo. Globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 (1994).

SANTOS, Milton. **Metrópole corporativa e fragmentada**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009 (1990).

Artigo recebido em 22-12-2021

Artigo aceito para publicação em 09-12-2022